UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES

EMANUELLY GOIS MENDES LIMA

**ANÁLISE DA PEÇA *QUERIDA MAMÃE*: RUTH, UMA PERSONAGEM QUE
REFLETE UM COMPORTAMENTO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

MACEIÓ – AL

2022

EMANUELLY GOIS MENDES LIMA

**ANÁLISE DA PEÇA *QUERIDA MAMÃE*: RUTH, UMA PERSONAGEM QUE
REFLETE UM COMPORTAMENTO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO,
COMO REQUISITO DE GRAU ACADÊMICO
PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS,
NO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO.

ORIENTADOR: OTÁVIO GOMES CABRAL
FILHO

MACEIÓ –AL

2022

Catlogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário Responsável: Valdir Batista Pinto – CRB - 4 – 1588

L732a Lima, Emanuely Gois Mendes.

Análise da Peça Querida Mamãe: Ruth, uma personagem que reflete um comportamento da sociedade contemporânea/ Emanuely Gois Mendes Lima. – 2022.

25 f.: il.

Orientador: Otávio Gomes Cabral.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes. Maceió.

Bibliografia: f. 59-60.

1. Leitura de texto. 2. Análise. 3. Avaliação. I. Título

CDU: 792.026.1

Dedico aos meus pais, Edvaldo Mendes e Quitéria Gois; aos meus irmãos, Elykaelle Mendes e Emanuel Mendes, que sempre me incentivaram e apoiaram minha formação.

À minha avó materna, Cícera Herculano, e aos meus tios Elizabete e Cícero Mendes.

Agradecimentos

Foram dois anos de pesquisa e dedicação para que este trabalho fosse concluído. Neste percurso, muitas pessoas foram colaboradoras na minha jornada, direta e indiretamente.

Agradeço pelos ensinamentos e pela paciência do meu professor orientador, Dr. Otávio Cabral. Em suas aulas conheci o universo literário das dramaturgias e hoje tenho o sonho de tentar a vida acadêmica nesta área, devido à sua influência.

Devo ressaltar o projeto de extensão *Teatro em Casa*, sob a orientação do professor Dr. Marcelo Gianini, e as aulas ministradas por mim e outros colegas. Foram oficinas em que pude pôr em prática meus conhecimentos de análise de texto e conhecer o teórico Mikhail Bakhtin.

Devo mencionar a pessoa mais importante em minha vida, que apesar das dificuldades compartilhou comigo o sonho pela minha colação grau: meu pai, Edvaldo Mendes. Este é o primeiro passo para um dia conseguir chegar a nossa ambição de um diploma de pós-doutorado, pois a ele fiz esta promessa.

Minha jornada também compartilhou os cuidados e incentivos de minha irmã Elykaelle Mendes, que sempre foi meu apoio e inspiração. Assim também minha mãe, Quitéria Gois, uma mulher batalhadora que nunca me deixou faltar nada. Graças a ela, concluí meu curso. Sei que não foi fácil para minha mãe ter sua filha mais nova morando em outro estado. Ela confiou em mim e se orgulhou muito. A ela dediquei cada nota em cada semestre.

Agradeço à minha avó materna, Cícera Herculano, que nunca duvidou da minha capacidade e sempre me incentivou e contribuiu para que eu pudesse estudar. E a minha tia Elizabete e ao tio Cícero Mendes, que me acolheram em Maceió e sempre foram meus alicerces.

Aos meus amigos de Jornada Acadêmica: Yrina, Milca, Luiz, Natasha, Mayko e o Eterno Hernandez.

Aos mestres que foram essenciais para a minha formação: Otávio Cabral, Ana Flávia Ferraz, Marcelo Gianini, Telma César, Ivanildo Picoli, Ednaldo Gomes, Lara Couto e Ronaldo Andrade. E aos eternos professores Acioli Filho e Toni Edson.

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu.”

Eclesiastes 3.1

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma análise da peça teatral *Querida mamãe*, de Maria Adelaide Amaral, sob a ótica de Mikhail Bakhtin e seu círculo, e de suas teorias e filosofia da linguística. Esta monografia tem o objetivo de explicar o comportamento da personagem Ruth como um efeito ocasionado por um processo de sociedade em sua formação de pensamento, comportamento e discurso. Os conceitos foram elaborados com base no processo de consciência humana que surge com a necessidade de organização a partir dos *significados das palavras, pensamento, ideologia e vozes sociais*. Cada ser humano é uma posição social e um lugar de fala que faz refletir a sociedade. As personagens são criações retiradas da realidade pelo escritor, e assim ele faz semelhante a essa posição de fala do ser humano na sociedade através da arte da escrita.

Palavras-chave: Linguística, sociedade, personagem, pensamento, comportamento, discurso.

ABSTRACT

This work is the result of an analysis of the play *Querida mama*, by Maria Adelaide Amaral, from the perspective of Mikhail Bakhtin and his circle in his theories and philosophies of linguistics. This monograph aims to explain the behavior of the character Ruth as an effect caused by a process of society in her formation of thought, behavior and speech. The concepts were elaborated thinking about the process of human conscience that arises with the need for organization; of the meanings of words, of thought, of ideology, of social and unique voices. Where every human being is a social position and a place of speech that makes society reflect. The characters are creations taken from reality by the writer and so he resembles speech, like that of a human being through the art of writing.

Palavras-chave: Linguistics, society, character, thought, behavior, discourse.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PROCESSO INTRODUTÓRIO AO ASSUNTO	15
MIKHAIL BAKHTIN: HISTÓRIA E CONCEITO	17
3. CONCEITO DE COMPORTAMENTO ATRÁVES DO PENSAMENTO SOB A PERSPECTIVA DA ATEORIA LITERARIA.	
3.1 Os signos	19
3.2 Ideologias	21
4. DISCURSO E ENUNCIADO COMO RESULTADO DO PENSAMENTO	
4.1 A palavra	24
4.2 O discurso e o ato	26
4.3 Dialogismo	27
5. CONCEITO DE COMPORTAMENTO	
5.1 Personagem: um corpo que atua	29
5.2 Caráter: uma definição do <i>eu</i> com o <i>outro</i>	31
6. ANALISANDO O TEXTO <i>QUERIDA MAMÃE</i>, REFLETINDO O COMPORTAMENTO E O PENSAMENTO INFLUENCIADO PELA SOCIEDADE	
6.1 Um pensamento social	33
6.2 Helô, uma figura marginal: analisando o pensamento da Ruth	35
6.3 A influência do capitalismo no comportamento social	46
6.4 Um padrão feminino e as obrigações sociais da mulher	50
7. CONCLUSÃO	57
8. REFERÊNCIAS	59

ANEXOS

Introdução

Este trabalho é um estudo sobre a arte da escrita e uma análise dramatúrgica. Toda teoria é relevante para uma filosofia de criação sobre uma obra literária e seu elemento principal, a personagem e como esta figura personaliza as características humanas.

A análise é trabalhada acerca de uma dramaturgia brasileira que aborda questões sociais da cultura burguesa. A obra, de Maria Adelaide Amaral, intitula-se *Querida Mamãe*. Compõe-se de duas personagens, mãe e filha, que não conseguem entender-se. Nos diálogos, a autora consegue trabalhar personalidades e caráter psicológicos tão bem, que há momentos que se não forem bem observados, fazer surgir dúvidas sobre qual é a personagem central.

A peça discute o papel da mulher em sociedade, a homossexualidade feminina, o controle social, a imagem da família, a moralidade e a religiosidade, os padrões de costume éticos e o machismo. São problemáticas dos anos 30 a 90 do século passado, na sociedade brasileira, que se fazem presentes ainda na contemporaneidade.

Ruth é uma personagem intrigante de uma personalidade forte e arquetípica da sociedade brasileira. Ela questiona ações da filha como falta de condutas morais e visualiza Helô como uma personagem marginal.

Considera-se aqui que esta personagem é o resultado de uma ação maior que conduziu a pensar e agir. É ela uma réplica e não uma personagem ruim e desprovida de sentimentos. Tampouco ela é uma simples ideia retirada da autora, mas uma consequência do real ou fictício.

Esta pesquisa faz uso de uma teoria linguístico-filosófica desenvolvida pelo russo Mikhail Bakhtin, que ganhou destaque graças ao seu círculo de estudiosos. Deve-se a eles a difusão de sua obra, a que hoje temos acesso, assim como a seus conceitos e teorias.

A teoria bakhtiniana envolve ideias como a de que todos os seres humanos são resultado de um pensamento organizado. Ressalta-se o livro de Volóchinov, intitulado *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. De início, absorvemos palavras repetidas socialmente, pelos familiares e outros grupos sociais. Este acúmulo de palavras gera um entendimento que resulta numa consciência da realidade e para a realidade.

É o que torna o sujeito capaz de comunicação. Conforme sua maturidade, ele vai entendendo os pensamentos de sociedade e do seu próprio universo.

A sociedade é constituída por grupos de pessoas que compartilham a mesma ética e a mesma ideologia, o que faz com que as pessoas adotem um determinado ponto de vista sobre o que é certo e errado: os valores.

A sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes. Nela existem espaços de luta entre vozes sociais divergentes, com várias formas de pensar e posições sociais e ideológicas diferentes. O livro de José Luiz Fiorin, *Introdução ao pensamento de Bakhtin*, mostra que não é somente as vozes sociais, mas também as individuais, o que a teoria bakhtiniana aborda. Por isso é pertinente analisar a voz social que Ruth enuncia nos diálogos da peça.

A forma de comunicação é dada pelo outro, assim também como a definição de comportamento. Somos resultado de um efeito de grupo.

Na *estética da criação verbal*, de Mikhail Bakhtin, o teórico explica um pouco desta relação de imagem e contato do sujeito com o outro. A estética é um recurso de imagem apreciado e definido pelos demais.

Assim, a forma de comunicação de pensamento está ligada a uma resposta corporal. Como o entendimento de sentimentos está na compreensão de que o outro corpo se mostra para quem o assiste.

A pesquisa baseou-se nestes entendimentos linguísticos para compreender as funções de pensamento, fala, expressão e imagem, visando a uma explicação de caráter e comportamento.

No primeiro capítulo enfocam-se os conceitos de comportamento através do pensamento sob os princípios da linguística, a saber: os signos e ideologias.

Signos são resultados de comunicação que indicam ou identificam um fenômeno de mundo externo. São uma ponte para uma interpretação do externo internalizado. É a compreensão humana do mundo num discurso interiorizado. O sujeito assimila as temáticas dos signos categorizando na mente os valores, a forma e os sentidos.

A ideologia é o resultado da cadeia de signos que geram um comportamento e uma adequação a um pensamento social e ético. Está relacionada a um comportamento e a um discurso. Para Bakhtin, é um processo que gera uma consciência individual conforme os padrões sociais e de classes.

O segundo capítulo trata do discurso e dos enunciados como o resultado do pensamento e se explica em que consistem as palavras, o discurso, o ato e o dialogismo.

A palavra constitui o único meio de contato entre o conteúdo interior do sujeito e o mundo exterior. É através da palavra que o discurso se mostra em vários sentidos ideológicos. Toda palavra é um processo linguístico que surge através de outras palavras e assim confere sentido aos enunciados. O falante, ao dar vida às palavras, dialoga diretamente com os valores de sociedade e expressa seu ponto de vista.

No discurso e no ato, a experiência do mundo humano é sempre medida pelo agir, sentir e avaliar do sujeito. Isso lhe confere sentido a partir da sua consciência. Cada ato mostra um pouco da cultura, da vida, do pensamento e da realidade material. Na manifestação do verbo e da ação há uma visão valorativa para pensar e categorizar o outro.

Já o dialogismo é um processo de comunicação em que o enunciado se dá sobre um discurso que leva em conta outros discursos que estão presentes nele. É uma relação de sentidos que se estabelece entre dois enunciados.

O capítulo três aborda o conceito de comportamento. Há na personagem um corpo que atua. Observa-se a criação de um corpo não espacial externo, que tem sentido na palavra. A forma espacial contida no objetivo estético é traduzida no discurso da obra. Numa consciência participante da existência, o mundo é objeto do ato, do ato-pensamento, do ato-sentido, do ato-palavra e do ato-ação.

Esses conceitos são a base da pesquisa para analisar o texto e compreender comportamentos, discursos, palavras, ações e posicionamentos de Ruth para com sua filha, e assim definir um comportamento da sociedade contemporânea através da teoria literária, nos estudos da linguagem.

Processo introdutório da pesquisa

A relação com esta obra surgiu através de uma disciplina eletiva, Moderno teatro brasileiro. Era voltada a autoras. As aulas foram ministradas pelo professor Dr. Otávio Cabral, com um levantamento curioso dos alunos em sala de aula, na disciplina de Literatura Dramática 4, no ano de 2018. Buscou-se entender a razão de não se estudar textos dramáticos escritos por mulheres e de não se encontrar com tanta facilidade textos de dramaturgas assim como se encontram textos de dramaturgos.

As dúvidas foram esclarecidas. Os alunos que cursaram a referida matéria puderam conhecer um pouco sobre as deficiências na área dramaturgica, a escassez feminina na área, assim como sobre a falta de valorização na arte da escrita dramática contemporânea. Um dos principais fatos desta ocorrência é a desvalorização dos próprios escritores, que não publicam suas obras; ou publicam e não têm um público que se disponibilize a comprá-las e lê-las.

Nos estudos dos textos de autoria feminina, os dramas da Maria Adelaide Amaral despertam curiosidade devido à sua escrita. Trata-se de um dos grandes nomes em destaque na escrita brasileira. Maria Adelaide é roteirista, jornalista, escritora e dramaturga. Sua origem é portuguesa. Nasceu no dia 1º de julho de 1942, no Porto. Aos 12 anos, chegou ao Brasil com a sua família, indo residir em São Paulo.

Seu primeiro contato com a arte deu-se no teatro, onde fez alguns trabalhos como atriz. Porém, identificou-se com a escrita e estreou como dramaturga em 1974, com a peça *A resistência*. Logo em seguida, escreveu outra peça, *Bodas de papel*, que obteve vários prêmios. Ao todo são 14 obras para o teatro. O seu primeiro romance, intitulado *Luísa*, foi vencedor do prêmio Jabuti em 1986. Como romancista, estreou na Globo em 1990, como colaboradora da novela “Meu bem, meu mal”. Atualmente trabalha na emissora e é uma de suas principais roteiristas.

Maria Adelaide consegue nas suas obras adentrar o mais íntimo do estético da personagem. É possível perceber um pensamento e um comportamento ativos em relação ao existir. Bakhtin explica esta relação como uma *diretriz volitivo-emocional concreta*: seria uma forma de o escritor emprestar seus sentimentos e sua visão sobre o mundo para a personagem, tornando-a verossímil.

A consciência do personagem, seu sentimento e seu desejo de mundo – diretriz volitivo-emocional concreto –, é abrangida de todos os lados, como em um círculo, pela consciência concludente do autor a respeito dele e do seu mundo; as afirmações do autor sobre a personagem abrangem e penetram as afirmações da personagem sobre si mesma. (Bakhtin, 2021, p. 11).

Maria Adelaide consegue ter sensibilidade para trazer assunto das complexidades femininas que se torna um ponto marcante em sua linguagem. Suas figuras femininas revelam a verdadeira relação da mulher em sociedade. Em *Querida Mamãe*, aborda uma temática feminina, moralista, de uma família burguesa que caminha sobre o *status* de um nome por gerações. Ela discute um padrão de sociedade que se mantém; a mulher gay; um discurso machista, ideológico, ético e religioso, numa visão da pós-modernidade.

São duas personagens, Ruth e Helô, mãe e filha. Elas discordam uma da outra constantemente. Helô é o novo, é a geração moderna, é o diferente que busca aceitação; por isso, entra em confronto com o velho, em defesa de seus ideais. Já Ruth é a voz do conservadorismo, de uma sociedade que luta para manter seus rígidos princípios morais. Elas recebem um destaque de *geração* e *sociedade* devido ao posicionamento de caráter que compartilham na peça.

Os estudos e análises sobre o texto despertaram a curiosidade sobre a estrutura da história e como os personagens compartilham interesses e reflexos sociais. Buscou-se um melhor entendimento de como os personagens operam mediante os princípios de sociedade, e de como a posição dos personagens pode interferir sobre os demais.

Ruth é uma personagem secundária. Ela provocou a apreciação devido a um comportamento conservador que se faz presente em muitas pessoas de mais idade na sociedade brasileira. Ao lermos a peça, vemos Helô como uma figura injustiçada e ferida pela mãe. Conseguimos entender as causas e os preconceitos. Mas podemos considerar que Ruth é ruim apenas por pensar diferente? Será que a personagem pode ser categorizada como ruim? Ou é apenas portadora de um ponto de vista diferente?

Este reflexo social que a personagem traz possibilita entender a relação entre sujeito e sociedade, e seus significados para uma relação discursiva. Daí a pesquisa lançar mão da teoria linguística de Bakhtin e seu círculo, presente nos livros *Estética da Criação Verbal* e *Marxismo e a filosofia da linguagem*, para compreender melhor uma estrutura do discurso, a personagem e a sociedade. E assim responder às perguntas anteriores e à principal, que é o motivo da

pesquisa: por que a personagem Ruth é uma representação social em seu comportamento e discurso?

Mikhail Bakhtin: história e conceitos

Mikhail Bakhtin foi um pensador nascido na Rússia em 17 de novembro de 1895. É considerado o maior estudioso da linguagem humana. Seus estudos e conceitos sobre literatura e estética não tiveram de início reconhecimento no seu país. Nos anos 60, um grupo de estudiosos descobriu os seus escritos e, graças a eles, hoje podemos conhecer a linguagem conceitual bakhtiniana.

Bakhtin e seu círculo de pesquisadores defendiam um pensamento marxista, o que nos proporciona pensar na linguística como um processo de sociedade não psicológico.

Este teórico é portador de um pensamento mais intenso e concernente ao mundo literário e fora dele. Em seus estudos, Bakhtin analisa a linguagem como o princípio de todo o processo literário. A literatura é a arte da palavra. O belo enunciado é cheio de significados e nos revela muito além de um processo de contar um feito heroico.

Bakhtin assevera que através da palavra, numa cadeia de assimilações de signos sociais, chega-se à ideologia, que é um processo de formação de pensamento. A forma de discurso é algo que vai se concretizando numa pessoa juntamente com o seu amadurecimento social, e o modo como nos comunicamos é o resultado de uma posição política e social.

É impossível que uma história seja apenas uma história; em verdade, são camadas de enunciados e discursos. O que faz a teoria bakhtiniana atrativa à pesquisa é que ela torna possível identificar através da linguística os detalhes da obra e compreender a palavra e a ideologia das personagens mediante os enunciados. Começando com uma simples frase, que caminhará para uma descrição do plano espacial estético de uma personagem.

Toda forma dialógica é ativa: o interceptor envia uma mensagem que o receptor vai decodificar ao ouvi-la, e assim reagirá ao que foi dito. Bakhtin considera todo o processo significativo linguístico, que começa no pensamento e se expressa no corpo, tornando-se perceptível aos outros.

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin aborda a estética de um “ser”, que ganha forma e pensamento a partir da codificação de palavras de um escritor. Ele se aprofunda nesta relação e em como se constrói uma personagem. Pelo ato intencional esta personagem age sobre o outro e identifica os outros como sujeitos que atuam sobre ele.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o teórico russo, em parceria com Volóchinov, discute o processo do enunciado, a formação da palavra e a consciência humana, resultado da posição discursiva.

O que Aristóteles estruturou como caráter e pensamento é algo mais fechado em relação a como analisar tais atitudes. A teoria aristotélica defende que a personagem age de tal maneira porque ela é assim. Já Bakhtin considera que este processo do agir da personagem é diferente. Observa que a forma de a personagem discursar é um posicionamento ativo que lhe foi imposto por diversos fatores do cotidiano. É um processo social que torna possível analisar seus condicionamentos políticos e sociais. Ele é o efeito de uma causa. Um processo.

A obra literária é um reflexo do homem social; o autor é uma esponja da contemporaneidade. Ele recorta um tempo e um espaço, e sobre eles discorre. O escritor transmitirá fatos através de diálogo e de um gênero específico. As personagens são sociais; cada atitude delas tem um significado muito além do desejo do autor. Bakhtin explica com lucidez e pertinência o processo da linguística, esta criação verbal com implicações políticas e sociais na realidade.

Ele assevera que a criação artística é produto do real, o que significa dizer que o autor ao criar apropria-se das relações sociais, ou seja, da experiência dos seres humanos.

1. Conceito de comportamento através do pensamento sob a perspectiva da teoria literária.

A compreensão da personagem está muito além do que o enredo conta; é necessário visualizar toda a forma de vida interna dele, bem como o seu discurso. Ele atua, pensa e age sobre o outro. Como o outro personagem o visualiza diz muito sobre quem é o personagem esteticamente. Neste conceito formulado e embasado sob a ótica de Bakhtin e seu círculo, discutiremos o processo do sujeito/personagem.

Neste capítulo compreenderemos primeiro o comportamento através do processo de pensamento. A personagem é um ser fictício, significa que não é um ser real de existência fixa, exceto por um processo de construção e de estudos de um ator em trabalho cênico.

A personagem é um processo de informações de características e vivências absorvidas do real que a tornam similar às atitudes dos seres humanos, por se igualar em pensamento, sentimento, ideologia e comportamento. Foi o que levou esta pesquisa a adentrar nos estudos da linguagem para compreender o fruto do comportamento do ser fictício.

Existe uma vida pregressa das personagens que é revelada pelos diálogos. Os discursos são uma forma de comportamento visível ao leitor. O que é diferente daqueles que assistem a uma peça teatral, porque o discurso está vinculado a um corpo que diz muito mais, baseado numa releitura do ator.

Para analisar o comportamento da personagem, deve-se começar pelos signos.

1.1 Os signos

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Bakhtin e Volóchinov¹, o pensamento está ligado ao processo linguístico, e este é o percurso humano para a consciência. Tudo se inicia com o conhecimento dos signos.

¹ *Marxismo e filosofia da linguagem*, foi redigido no âmbito do Círculo de Bakhtin por valentin N. Volóchinov (1895-1936), foi por sua vez atribuído ao próprio Bakhtin. Nele Volóchinov analisa as principais tendências dos estudos da linguagem no século XIX e no início do XX.

A linguística é uma estrutura da linguagem. Segundo o dicionário *on-line*, linguística é a “ciência que tem por objeto a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico”.

Antes de o sujeito ter consciência sobre si mesmo e o mundo, ele vivencia um processo de assimilação de palavras e conceitos de significação, comportamento e ideologia. Trata-se da forma como o social (núcleo a que pertence a pessoa) age sobre o sujeito e como este age sobre o social em seu processo de amadurecimento psicológico.

Os signos são a primeira etapa para a compreensão do pensamento.

Os signos também são objetos únicos e materiais [...]. Qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser iguais. Onde há signos há também ideologia. Tudo o que é ideológico possui significação signica. (Volóchinov, Valentin, 2021, p. 93).

Os signos são um resultado que se estende entre símbolos, formas, desenhos, objetos, sons etc. Tudo que se manifesta e existe, significa; logo, é um signo.

Tomemos uma criança como exemplo. Quando ela nasce, não existe uma consciência plena sobre o existir, o falar e o comportar-se. É um ser completamente desprovido de entendimento. Quando em crescimento o social está interligado a ela, fazendo parte do processo de entendimento sobre a linguística. Seriam o social as instituições a que ela pertence: família, escola, igreja, cidade e cultura. Estas instituições vão moldando-a em suas ideologias, transformando o aprendizado em comportamento; a criança então absorve os signos e seus significados, num processo de assimilação.

A personagem age como se tivesse passado por todo esse processo. Por ser semelhante a uma pessoa, ela tem características absorvidas do real pelo escritor. É necessário perceber que ela passou por sentidos parecidos em sua vida pregressa.

O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo quanto todos os efeitos por ele produzidos, ou

seja, aquelas relações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa. (Volóchinov, Valentin, 2021, p. 94).

Um corpo reage ao mundo em que vive. Mais à frente, iremos nos aprofundar no aspecto estético. Porém, neste momento, é necessário explicar que todo sujeito é um corpo que não conhece sua fisionomia além de um reflexo. Internamente ele é um corpo único e completo, que consegue entender-se e visualizar seus sentimentos e ideologias. A personagem também é um corpo humano que não conhece sua fisionomia.

Os signos gerarão comunicações que adentrarão o sujeito, fazendo-o compreender as relações humanas e se comunicar através do seu corpo:

O corpo exterior do signo é apenas um envoltório, apenas um meio técnico para a realização do efeito interno que é a compreensão. O que o idealismo e o psicologismo ignoram é que a própria compreensão pode ser realizada apenas em algum material sígnico (por exemplo, no discurso interior) [...]. A compreensão do signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos. [...]

Essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de individual e está repleto de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto, apenas no processo de interação social. (Volóchinov, Valentin, 2021, p. 95).

O sujeito vai assimilando as temáticas dos signos, os valores, e gerando um pensamento que corresponde à formação de frase, iniciando o contato oral. Assim ele começa a atuar socialmente.

1.2 Ideologias

Ideologia é um pensamento ético adquirido sobre o mundo. É a segunda etapa do processo de pensamento e consciência. Trata-se de um ponto que está inteiramente ligado à formação de comportamento e discurso. É um conceito complexo das ciências sociais humanas. Estamos a falar de um processo histórico da civilização, de organização, de linguística e de religião.

Segundo o dicionário *on-line*, seriam dois os conceitos de ideologia:

1. FILOSOFIA: ciência proposta pelo filósofo francês Destutt de Tracy 1754-1836, que atribui a origem das ideias humanas às percepções sensoriais do mundo externo. 2. POR EXTENSÃO•FILOSOFIA: no marxismo, totalidade das formas de consciência social, o que abrange o sistema de ideias que legitima o poder econômico da classe dominante (ideologia burguesa) e o que expressa os interesses revolucionários da classe dominada (ideologia proletária ou socialista).

Michael Lowy, no seu livro *Ideologia e ciência social*, esclarece a paternidade da ideologia. Afirma que Marx não foi o pioneiro no seu conceito, mas reutilizou o conceito de Destutt, numa perspectiva capitalista:

Ele simplesmente o retomou. Ele foi literalmente inventado (no pleno sentido da palavra: inventar, tirar da cabeça, do nada) por um filósofo francês pouco conhecido, Destutt de Tracy, discípulo de terceira categoria do enciclopedista, que publicou em 1801 um livro chamado *Eléments d'Ideologie*. (Löwy, p. 10).

A ideologia segundo Destutt é o estudo sobre a interação do organismo vivo com a natureza. Ele atribui a origem das ideias humanas às percepções do mundo externo.

Quando Marx discute ideologia, na primeira metade do século XIX, ele aborda outro ponto de vista, tendo a ideologia como fruto do poder econômico da classe dominante (burguesia). Ele considera que não é a consciência dos homens que determina o seu ser, e sim o social. Assim ele explica sua teoria mediante uma estrutura do trabalho: *os dominantes e os dominados*.

A classe dominante tem amplo acesso ao estudo, à escrita, à leitura e ao conhecimento de história, filosofia, religião etc. Dela brotam os pensadores intelectuais, os que fazem a ética, as regras e a ideologia para a sua classe, visando a um controle social e à manutenção da ordem burguesa.

Na classe dos dominados, que seria a dos operários, estão os desprovidos de estudos e conhecimentos históricos. Trabalhadores que, por não conhecerem seus direitos, defendem a mesma ideologia da classe burguesa. Sua tendência é replicar os costumes dos que detêm o poder e o saber.

O marxismo oficial entende ideologia como a “falsa consciência”, vista como disfarce e ocultamento da realidade social, escurecimento e não percepção da existência das contradições e da existência de classe social, promovida pelas forças dominantes, e aplicada ao exercício legitimador do poder político e organizador de sua ação de dominar e manter o mundo como ele é. (Beth Brait (org.). Conceitos-chaves. 2021, p. 168).

O que Marx constatou foi a desigualdade de conhecimento e o poder ideológico. Como poderia uma pessoa que não tem oportunidade de ler e estudar, pensar criticamente sobre o que é imposto a ela? Assim, prevalece o que é dito pela elite que tem o controle do conhecimento. O fato é que muitos regimes políticos autoritários surgem devido a esta privação de conhecimento.

Bakhtin e o seu círculo de pensadores firmaram sua concepção própria do que seria ideologia, sob a perspectiva marxista. Eles não concordam exatamente com a concepção marxista da *falsa consciência*. Para estes pensadores, o estudo da ideologia acha-se conectado ao estudo da linguagem. Eles criaram uma nova concepção, que se fragmenta em *ideologia oficial* e *ideologia do cotidiano*.

A ideologia oficial é entendida como relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção de mundo. A ideologia do cotidiano é considerada como a que brota e é constituída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referências, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida. (Beth Brait (org.). Conceitos-chaves, 2021, p. 168-169).

Sob a ótica de Bakhtin, a ideologia na área da linguística é um processo de significação que gera uma consciência individual conforme os padrões sociais e de classes. Trata-se de uma comunicação de linguagem retirada do social e que surgiu com a necessidade de o homem organizar-se em sociedade através de signos específicos, pois o homem, com suas raízes animais, nada pode explicar. Numa relação com outros homens organizados, criou um

pensamento linguístico, mediante o qual hoje nos comunicamos, pensamos e interferimos no cotidiano.

Os signos são os primeiros contatos do homem com a formação ideológica; sem eles não existe ideologia. Estes elementos são a assimilação do real e do verbal, num processo de linguagem que se dá do externo para o interno – individual e único.

Bakhtin aduz que a formação de compreensão ideológica deve-se a uma cadeia de signos que vão se formando no inconsciente da pessoa.

A compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois surge apenas no processo de interação entre consciência individual [...]. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social. (Volóchinov, Valentin, 2021, p. 95).

Então, seria o sujeito fruto de signos, que são cadeias linguísticas quando compreendidos no cotidiano. É um contato social com o núcleo de pessoas na sociedade de que faz parte, a gerar pensamentos conscientes sobre preceitos ideológicos. No livro sobre os conceitos-chaves de Bakhtin, em artigo escrito por Valdemir Miotello, consta: “por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras”.

2. Discurso e enunciado como o resultado do pensamento

Chegamos ao resultado de todo o processo de pensamento, porque o que o sujeito fala é predeterminado pela formulação ideológica e pela posição de classe. Tudo isso acaba por se refletir numa formulação discursiva. O discurso é feito através dos enunciados, que são construídos sobre discursos de outros. Toda palavra dialoga com outra palavra e faz surgir outras palavras que formam outras palavras. Assim ocorre a construção de um processo linguístico. Todo enunciado é construído sobre outros enunciados que foram ditos por outras pessoas. E neles acarretam emoções e juízos de valores.

2.1 A palavra

Nos trabalhos de Bakhtin e seu círculo, a palavra e todo o processo linguístico em geral foram estudados num sentido histórico e social, representando as relações ideológicas que mantêm as tradições. Aqui a palavra não será vista como uma forma abstrata que se acha no interior da gramática, pois

[...] a palavra aparece relacionada à vida, à realidade, como parte de um processo de interação entre um falante e um interlocutor, concentrando em si as entonações do falante, entendidas e socialmente compartilhadas pelo locutor. As entonações são valores atribuídos e/ou agregados àquilo dito pelo locutor. Esses valores correspondem a uma avaliação da situação pelo locutor posicionado historicamente ante o seu interlocutor. O falante, ao dar vida à palavra com sua entonação, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores. São esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor. A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva. (Beth Brait, (org.) *Conceitos-chaves*, 2021, p. 178).

A palavra é o desenvolvimento de um discurso; ela reflete e refrata uma consciência única do sujeito, composta por várias palavras com sentidos ideológicos que formarão a opinião. Esta se explicita por meio das palavras, enunciando um tema.

A palavra apresenta quatro propriedades definidoras: pureza semiótica, possibilidade de interiorização, participação em todo ato consciente, neutralidade. A *pureza semiótica* refere-se à capacidade de qualquer

esfera, diferentemente dos materiais criados especificamente para o funcionamento em uma esfera. Quanto à *interiorização*, a palavra constitui o único meio de contato entre o conteúdo interior do sujeito (a consciência) constituído por palavras, e o mundo exterior constituído por palavras.

A compreensão do mundo, pelo sujeito, acontece no confronto entre o interno e o externamente ideológico. A interiorização da palavra acontece com uma palavra nova, surgida da interiorização da palavra desse confronto. No que diz respeito à *participação em todo o ato consciente*, a palavra funciona tanto nos processos internos da consciência, por meio da compreensão e interpretação do mundo pelo sujeito, quanto nos processos externos de circulação da palavra em todas as esferas ideológicas.

A neutralidade da palavra, por sua vez, se estabelece no sentido de que a palavra é “neutra em relação a qualquer função ideológica”, ou seja, pode assumir qualquer função ideológica, a depender da maneira como aparece num enunciado concreto. Também pode ser entendida como um “signo neutro”, não no sentido de que não tenha “carga ideológica”, mas no sentido de que, como signo, como conjunto de virtualidades disponíveis na língua, recebe uma carga significativa a cada momento de seu uso. (Beth Brait, (org.) *Conceitos-chaves*, 2021, p. 179).

A palavra está associada à forma de comunicação que se converte em consciência, num processo ideológico que concerne à sociedade. Através dos diálogos expõe-se toda a formação conscientizada de um padrão ético sobre o ponto de vista de um tema que está em jogo com outra pessoa.

A palavra num contexto de enunciados é a chave para se apreender uma personagem que é secundária. É por meio de uma descoberta de fatos que a personagem central assimila e sente, tomando para si e para nós, que estamos próximos de sua realidade, uma compreensão sobre tudo o que é dito.

Numa análise sobre o enunciado, devem-se discutir alguns pontos importantes. O *Tema* é o assunto que está sendo dito. Deve-se atentar para o conteúdo da conversa, sobre o quanto o sujeito principal conhece do assunto para se posicionar, e como ele se comportará no discurso sobre o diálogo.

Outro ponto a ser focado: *quem é o personagem central para falar com outro de tal forma?* A posição ou qualificação social diz muito sobre o comportamento e as palavras que uma pessoa pode vir a dizer a outra, devido a uma hierarquia de sua posição na sociedade. Também se deve arguir: *quem é o outro para falar com o personagem central de tal forma?* Todo diálogo impõe

formalidades e informalidades, a depender das pessoas que estão a se comunicar. Assim é possível encontrar vestígios culturais em seus diálogos.

Através das palavras e dos enunciados é possível encontrar um lugar social e as instituições. O personagem/sujeito faz parte do mundo e, por isso, é levado a tomar um comportamento a respeito do outro.

Quando se fala de comportamento, remete-se a um corpo em movimento sobre uma ação cotidiana, ou perante alguém (informal ou formalmente). Este processo de imagem está muito relacionado a como um sujeito aprecia o outro. Como visto, o interno é o responsável pelo externo, e assim a imagem é o último fator que se relaciona com a transmissão do comportamento num processo estético.

Ainda sobre a perspectiva linguística, o comportamento é um processo composto de enunciados e atos, mas que caminha para uma apreciação estética que implica um comportamento visual.

2.2 O discurso e o ato

O discurso é uma construção social que ocorre no coletivo; é uma forma de agir sobre o mundo, e por isso é refratado pela ideologia.

Assim, a experiência no mundo humano é sempre mediada pelo agir situado e avaliado do sujeito, que lhe confere sentido a partir do mundo dado, o mundo como materialidade concreta. Como mostra a obra de Bakhtin, não se trata, porém, de propor a relatividade dos valores, mas, pelo contrário, o fato de que o valor é sempre valor para sujeitos, entre sujeitos, numa dada situação. Portanto, o agir do sujeito, sem negar a realidade dada do mundo, também o postula ou, no caso do estético, o cria. (Beth Brait, (org.) Conceito-chaves, 2021, p. 22).

O que Beth Brait explica sob a ótica de Bakhtin é como sujeito se constitui de experiências no mundo, porém não é passivo ao mundo como um repetidor de comandos ensinados pela cultura. O sujeito é ativo; isso significa que possui a capacidade de realizar o ato, de agir com intenções no seu interesse. A forma como ele se comporta e dialoga é um ato afetado socialmente.

Adail Sobral, em artigo diz que “o Círculo destaca o sujeito não como fantoche das relações sociais, mas como um agente, um organizador de discurso, responsável por seus atos e responsivo a outro”. (Beth Brait, (org.) Conceitos- chaves, 2021).

Pode-se ter uma visão errada sobre o sujeito/personagem, apreciando-o de longe. Assim, ele pode ser visto como egoísta, individualista, finalista ou subjetivista, por ser um universo único no qual ele se percebe no mundo como objeto central. Mas ele é um ser ativo de caráter ativo e emotivo evolutivo, que age sobre o mundo. Cada ato é singular e isto o torna único; se seu ato é bom ou mau, depende da visão valorativa de outras pessoas. Cada ato seu mostra um pouco sobre a cultura, a vida, o pensamento e sua realidade material; é a manifestação do verbo e da ação.

Para o Círculo, existe *o sensível e o inteligível*:

[...] o sensível do mundo da vida (o vir a ser concreto do ato) e o inteligível da elaboração secundária da percepção (o conteúdo ou sentido do ato, que envolve a forma de organização desse conteúdo ou sentido). Portanto, para o Círculo, todo ato integra conteúdo e forma, significação e tema, elaboração teórica e materialidade concreta, ser no mundo e categorização do mundo. (Beth Brait, (org.) Conceitos- chaves, 2021, p. 26).

O discurso é todo um processo interno evolutivo-emocional que corresponde aos agentes que impulsionam o enunciado no mundo material, que é onde ele está, e também com a outra pessoa que ele dialoga. Todo este processo é uma consequência para o ato, ou seja, o sujeito age mediante um movimento facial, corporal e verbal. Esses são os fatores que constituem um ato existencial.

“São atos, para Bakhtin, tanto as ações físicas como as de ordem mental, emotiva, estética (produção e recepção), todas elas tomadas em termos concretos, e não somente cognitivos ou psicológicos” (Beth, Brait, (org.) Conceitos- chaves, 2021).

2.3 Dialogismo

Trata-se de uma orientação natural de qualquer discurso vivo.

Quando Bakhtin iniciou sua pesquisa filosófica, tinha em mente desenvolver uma ciência que fosse além da linguística, examinando o funcionamento real da linguagem. Toda formação de comunicação, independentemente de sua dimensão, é dialógica, e ocorre quando dois indivíduos ou mais conversam.

Todos os enunciados nos processos de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma ideologização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciado, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu.

Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. (Fiorin, José Luiz. 2006.)

É um processo antropológico do resultado da comunicação.

Nos diálogos há um objeto do mundo interno ou externo que vai proporcionar ideias e pontos de vista e valores diferentes de cada pessoa. Assim, para nossa análise, é possível categorizar, conhecer e avaliar os discursos presentes na peça.

Toda a palavra é dialógica, cada palavra enunciada tem uma simbologia e nela algo é referido.

Um enunciado é uma réplica do diálogo. Existe um entendimento do significado. Nesta absorção é possível guardar frases que podem ser chamadas de clichês. Tudo depende do tema que está sendo discutido.

Assim também é possível compreender a sociedade presente nas falas. Porque a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, sendo as vozes um espaço de luta.

Numa formação social determinada, operam, o processo, ou seja, os múltiplos enunciados em circulação sobre todos os temas; o passado, isto é, os enunciados legados pela tradição de que a atualidade é depositária, e o futuro, os enunciados que falam dos objetivos e das utopias dessa contemporaneidade. (Fiorin, José Luiz. 2006).

Pode-se asseverar que mediante as pessoas que compartilham as mesmas palavras e sentidos anunciando um pensamento, há um ato discursivo social que confere voz à sociedade. O que não é exclusivo do momento contemporâneo, porquanto ocorre desde a formação da linguagem humana. Conforme a sociedade vai evoluindo, a linguística também evolui. Assim é possível identificar os tempos presentes nas obras literárias dos dramas.

3. Conceito estético do comportamento

3.1 Personagem: um corpo que atua

A personagem só existe através das palavras, ou no corpo de um ator num palco. Quando um escritor se debruça sobre seu processo de escrita, ele empresta à personagem todo um caráter volitivo-emocional; o seu ambiente social; um tema que será o confronto da personagem central. Todo o processo da escrita consiste em empréstimos de conhecimentos visando aos obstáculos aos quais a personagem reagirá.

Nesta singularidade, há uma consciência que incide sobre o processo de formação de pensamento e o discurso. Uma personagem é uma figura humana em formato de signos. Apesar da sua imaterialidade física, a existência de sua vida desvela-se em suas falas e reações. Percebemo-la mediante o dialogismo.

O sujeito é um universo que se autocompreende e sente.

A criação verbalizada não constrói forma espacial externa, porquanto não opera com material espacial como a pintura, a escultura, o desenho; seu material é a palavra (a forma espacial da disposição do texto – estrofe, capítulos, figuras complexas da poesia escolástica, etc. – é sumamente insignificante), material não espacial pela própria substância [...], no entanto, o próprio objeto estético, representado pela palavra, evidentemente não se constitui só de palavras, embora haja nele muito de puramente verbal, esse *objeto da visão estética possui uma forma espacial interna artisticamente significativa*, representada pelas palavras da mesma obra [...]. Portanto, a forma espacial contida no objetivo estético, traduzido no discurso de obra, não levanta dúvidas. (Bakhtin, M., 2011, p. 85).

A criação da personagem não existe em forma espacial. Numa significação das palavras é possível, através de uma descrição estética, assumir uma forma. Esta forma sob a qual a personagem é apreciada é uma visão que não depende dela, mas da outra pessoa/personagem que a está apreciando.

A forma visual interna é vivenciada de modo volitivo-emocional, como se fosse perfeita e acabada, mas essa perfeição e esse acabamento nunca podem ser uma concepção efetivamente realizada. É claro que o grau de realização da forma interna da representação visual é

diferente em modalidades diversas de criação verbalizada e em diversas obras particulares. (Bakhtin, M., 2011, p. 86).

A forma como a personagem é vista pelos demais depende do sentimento e do pensamento do outro. Quando uma personagem está diante de outra personagem, através da interpretação de atores e atrizes, ela tende a expressar reações que podem ser captadas em sua imagem e tons de voz. Isso faz com que o apreciador que compartilha da mesma conversa assista a seus movimentos e expressões, buscando decodificar seus enunciados e gestos, atribuindo-lhe um caráter.

Bakhtin utiliza uma teoria chamada de *ambiente e horizonte*, para explicar um pouco desta relação do eu com o outro:

É possível fazer a aparência externa abrangente plenamente e dar acabamento à personagem, inserir o propósito semântico de vida da personagem em sua aparência externa enquanto forma, completar e anemizar a aparência externa, criar o homem integral como valor único.

[...]

É possível uma dupla combinação do mundo com o homem: de dentro deste, com seu *horizonte*, e de fora, como seu *ambiente*. De dentro de mim, no contexto de valores e sentidos de minha vida, o objeto a mim *se contrapõe* como objeto do propósito dessa mesma vida (ético-cognitivo e prático); aqui ele é um elemento do acontecimento único, singular e aberto da existência, do qual participo com interesse forçado em seu desfecho. De dentro de minha participação real na existência, o mundo é um horizonte da minha consciência atuante, operante. Só nas categorias cognitivas, éticas e prático-técnicas (de bem, verdade e clareza de fins práticos) consigo orientar-me nesse mundo como acontecimento, pôr-lhe ordem na composição material, condicionando desse modo a imagem de cada objeto para mim, sua tonalidade volitivo-emocional, seu valor seu significado. De dentro da minha consciência participante da existência, o mundo é o objeto do ato, do ato-pensamento, do ato-sentimento, do ato-palavra, do ato-ação. (Bakhtin, M., 2011, p. 88-89).

Como o sujeito compreende o mundo cognitivamente é como ele irá se expressar. Através das imagens que ele percebe, ele atribui valores conforme sua visão ética e seu estado emocional. O caráter é um valor que não é concebido pelo sujeito, mas por aquele que o enxerga, de acordo com seus valores cognitivos.

3.2 Caráter: uma definição do eu com o outro

Estamos discutindo uma visão de como a aparência e os atos definem um caráter de alguém segundo um critério do julgador. O juiz é uma personagem que está em posição principal e que avaliará o que ele vê e compreende nos enunciados; logo, o juiz é uma *personagem central*.

Segundo Bakhtin, “... a personagem central não está externamente expressa, não se situa no mesmo plano das outras personagens; enquanto estas são expressas *externamente*, aquela é vivenciada *de dentro*”. (Bakhtin, *estética da criação verbal*, 2011.)

O *eu* e o *outro* constituem uma relação de conhecimento e assimilação para a compreensão do sujeito. Esta relação define um comportamento e atribui um caráter.

O eu é um ponto central, uma alma que completa um corpo; este processo do interior torna possível reconhecer todos os sentidos, sentimentos e pensamentos num universo único. O *eu* é o lugar do qual aprecio o outro, assim como ele se mostra para mim. Assim, o *eu* explicita se uma personagem detém um caráter X, de uma classe X, com um comportamento aceitável ou reprovável. Isso porque o *eu*/personagem que pertence a um corpo consegue avaliar quem se posiciona para ele como uma consciência social que lhe foi ensinada e de que ele é adepto.

Todas as minhas reações volitivo-emocionais, que aprendem e organizam a expressividade externa do outro – admiração, amor, ternura, piedade, inimizade, ódio, etc. – estão orientadas para o mundo adiante de mim; não se aplicam diretamente a mim mesmo na forma em que eu me vivencio de dentro; eu organizo meu *eu* interior – que tem vontade, ama, sente, vê, e conhece – de dentro, em categorias de valores totalmente diferentes e que não se aplicam de modo imediato à minha expressividade externa. No entanto, minha autossensação interna e a vida para mim permanecem no meu eu que imagina e vê, não existem em um eu imaginado e visto, como não há em mim uma imediata reação volitivo-emocional vivificante e incluyente para minha própria imagem externa [...]. A possibilidade de afirmação volitivo-emocional da minha imagem dá-se a partir do outro e para o outro; porque de dentro de mim mesmo existe apenas a minha autoafirmação interna, que eu não posso projetar sobre minha expressividade. (Bakhtin, M., 2011, p. 28-29).

Não existe para os humanos uma definição estética única. Isso significa que não somos capazes de nos avaliar em estética e comportamento. O espelho é um reflexo com o qual conseguimos ter uma noção da nossa aparência estética. Assim, percebemos como o outro nos

vê. Toda forma de comportamento (roupas, vaidade e expressividade) que um corpo mostra não é para nós admirarmos, senão para o outro.

Minha imagem externa não pode vir a ser um elemento de minha caracterização para mim mesmo. Na categoria de *eu*, minha imagem externa não pode ser vivenciada como um valor que me engloba e me acaba, ela só pode ser assim vivenciada na categoria do *outro* [...]. O homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria. (Bakhtin, M., 2011, p. 32-33).

Este corpo que o outro vê significa um comportamento e uma qualificação que somente o outro pode definir. Assim também acontece com o *eu* que aprecia o *outro*: ele é para mim uma imagem que decodifico.

Na escrita dramática, o dramaturgo visualiza através dos diálogos este lugar do *eu* e do *outro*, numa posição de dialogismo. Resta para os atores visualizar o estético do personagem para seus corpos.

4. Análise do texto *Querida Mamãe*, a refletir o pensamento e o comportamento da sociedade nas personagens

4.1. Um pensamento social

Toda história, inclusive a de narrativa dramática, conta um desenrolar de ações de um personagem. Esse é o centro de interesse. Os demais personagens são adereços que ajudam a dar sentido ao desate do nó.

Por estarmos analisando uma peça política, significa que nesta dramaturgia há fatores de uma época que dizem muito sobre a sociedade em questões sociais. O teatro em si tem uma essência política, demonstrando relações humanas e da sociedade em particular.

As falas da Ruth são discursos que refletem a sociedade dos anos 60 aos 90, e que podemos encontrar também no hoje, em 2022. A forma de a personagem pensar e as palavras nos seus diálogos são empréstimos da escritora, que absorveu como uma esponja a realidade do momento presente, e com um misto de verossimilhança e fantasia deu vida a este ser.

É uma personagem que foi trabalhada e pensada para os palcos. Seus enunciados retratam a realidade e assim o público percebe a opressão social sobre Helô.

Estamos trabalhando teoria literária na filosofia de Bakhtin e seu círculo para analisarmos o comportamento. A formação de pensamento está interligada à formação familiar e social do sujeito, conectada aos discursos sociais.

A peça começa com um diálogo que mostra um pouco como era a família de Ruth. Vejamos a conduta dos avós de Ruth na história que ela conta sobre o ato da mãe em relação a um casamento arranjado:

RUTH – Por um triz ela não usou. Sua avó entrou em pânico na véspera do casamento, pegou a baratinha do tio Sílvio e foi pedir asilo na casa de uma amiga. A família só descobriu onde ela estava duas horas antes da cerimônia.

HELÔ – (com admiração) ela fez isso?

RUTH – (pegando uma foto) olha a cara da sua avó no casamento dela.

HELÔ – Ela sempre teve essa cara.

RUTH – Ela não queria casar com o seu avô. Estava apaixonada por um guarda-livros do pai, um pobretão, um pelintras, como dizia a mãe dela...

HELÔ – Eu não acho que eu sou parecida com a vovó.
(Devolve a foto)

Os pais foram muito severos com a filha, não houve um meio-termo, e sim uma severa repreensão. Ela se casaria contra a própria vontade com alguém que não amava. O ato de fuga não resultou no que ela esperava e ela viu-se obrigada a casar. Esta história nos revela um pensamento opressor que se tinha na sociedade sobre casamentos arranjados.

Ruth e Helô chegam a comentar sobre a fotografia, destacando a insatisfação da mãe de Ruth. Heloísa diz que a avó sempre teve o rosto como o da foto; o que começou naquele dia e permaneceu para o restante dos dias, com a mesma aparência.

A transgressão que esta mulher fez foi apaixonar-se por alguém de uma classe inferior à sua. Como punição a família aprisionou-a num casamento, o que se assemelha à repressão de Ruth para com Helô ao descobrir sua sexualidade, o que se verá mais à frente.

Eis outro ponto da criação de Ruth, quando ela escreveu um poema na juventude e cita algumas das tarefas que lhe eram impostas:

RUTH – (lendo um caderno) “Minha mãe era severa e não gostava muito de menina/ Dizia que mulher já nasce sonsa e no que me dizia respeito tinha razão / Eu estudei piano e francês/ Bordei enxoval e teci devaneios eróticos/ Depois casei, como todo mundo queria.”

A personagem usa a palavra “sonsa”, que significa fingir ser o que não é, para revelar um pensamento de sua mãe sobre a mulher.

Na sua escrita, ela lista suas obrigações, como estudar piano e francês, bordar enxoval e casar, como todo o mundo queria que ela fizesse. Ruth não refutou a realidade que lhe impunham, apenas foi sonsa. Ela seguiu um padrão moral e disciplinar que uma menina precisava cumprir na classe burguesa, que era ter bons dotes para um casamento e uma vida doméstica saudável. A personagem interpretou o papel que a família lhe ensinara e replica as ações opressoras na realidade social em que vive. Ruth aprendeu a viver de aparência.

Os avós dela abriram mão da felicidade da filha para manter uma boa imagem na alta sociedade. Não seria de bom alvitre uma menina rica casar com um contador que era empregado do seu pai. Fazia-se necessário um bom casamento.

Ruth agiu como todos queriam, mas no poema ela diz que teceu devaneios eróticos e se assume sonsa. É uma dica para explicitar o fato de ter possuído um amante por tantos anos. O que significa que para ela é necessário manter a imagem e esconder o que a satisfaz.

Ela viveu um casamento, teve suas filhas, sem ninguém perceber que manteve relações com um amante por anos. Helô entende e acusa seu pensamento hipócrita: “HELÔ – Desde que sejam duas almas heterossexuais... eu até podia continuar casada com o Sérgio e ter um caso, que você me dava toda a cobertura, não é?”.

Não é que ela ache certo, mas a personagem da mãe aprendeu que para ser feliz é necessária uma máscara social. A verdadeira face tem de ser camuflada e ocultada.

Do início até o desfecho do drama, Ruth mantém este pensamento hipócrita: de manter-se numa relação confortável, buscar felicidade nas pequenas coisas do dia a dia, permanecer na transgressão em sigilo e assim sobreviver na sociedade. Fica essa mensagem subliminar no ar, sobre a sutileza da identidade lésbica: manter um casamento e um *status* “normais” e usufruir de sua paixão no sigilo. Como se dá desde que o mundo existe.

Esse pensamento é um reflexo social dos anos 60, que foi o momento em que a mulher adquiriu liberdade sexual e independência.

4.2. Helô, uma figura marginal: analisando o pensamento de Ruth

O pensar segundo a nossa pesquisa é uma compilação de signos e palavras que são sentidos e dão uma lógica de entendimento. O que nos diferencia dos animais é a arte de raciocinar.

A necessidade de organização como pessoa e em grupo faz surgirem as ideologias, que são harmonia, condutas e valores. Em cada época existirá um pensamento sobre as ideologias sociais, o que podemos definir como um padrão de identidade.

Porém, o indivíduo social nunca será o mesmo; a cada geração, as mudanças são constantes e rápidas.

A identidade está muito relacionada à vida que nos foi imposta, daí a forma de o sujeito pensar achar-se vinculada a um fator social. Não significa que ele concorde com tudo, mas existirão formas de se posicionar muito ligadas à criação ou a momentos marcantes de sua vida. E isso vale para a personagem, também.

A personagem é uma junção de significados que se iguala ao interior humano. Ela é conduzida a uma sociedade e a uma forma de interação social.

Anteriormente, vimos um pouco de como Ruth pensa, o que está muito associado à ligação com a família, ideologia e regras que recebeu ainda na infância. Ela entendeu como uma conduta social a ser mantida; o que mais preza é a aparência social, o *status*, “o nome da família”. Ela não é apenas Ruth, mas o nome da família a que pertence.

E os pontos em que ela mais implica com a filha concernem à negação dos bons costumes e a seu comportamento como mulher, que questionam e põem em risco a aparência da família. Para ela, Helô é transgressora.

O que faz alguém ser considerado transgressor? Segundo o *dicionário on-line*, é “uma pessoa que viola, que vai contra uma ordem, que a infringe”.

A imagem de cada ser é definida pelo *outro*, e o caráter é fruto dessa relação definida por quem visualiza o comportamento do outro. Isso é importante para compreendermos como ambas as personagens se posicionam para definir a outra. Se Helô é transgressora, é porque Ruth a vê desta forma. Ela define a filha como uma marginal através do posicionamento de fala. A fala são palavras que surgem a partir do ato mais íntimo do pensar.

Analisar uma personagem é analisar um tema do discurso, o que está sendo anunciado e quem são os outros que debatem com a personagem. Como é o diálogo, como é a forma do outro para introduzir o tema em discussão. E mais: quais as ideologias que permeiam suas palavras, quais as atitudes que a fazem interagir, qual a base para pensar assim.

4.2.1 Relacionamentos com homem casado

Analisaremos diálogos nos quais o comportamento de Helô expõe o pensamento de Ruth sobre suas infrações:

RUTH –(Apontando a sacola.) Quando é o casamento?

HELÔ – No sábado.

RUTH – A Priscila vai com você?

HELÔ – Não, eu vou com um cara.

RUTH – Aquele?

HELÔ – É, mamãe, aquele cara casado.

(Ruth faz uma expressão desolada.)

HELÔ – Não precisa fazer essa cara, que eu vou terminar essa merda desse caso no fim de semana.

O primeiro ato, descrito logo no início, mostra a fragilidade de Helô ao procurar afetividade em uma pessoa que já tem um compromisso sério, um casamento. A expressão de Ruth é a forma de o corpo responder ao pensamento que ela tem sobre esse relacionamento. Como uma pessoa que preza pela aparência familiar, pela moralidade e pela religião. A atitude da filha é a decepção, que foge do que é esperado pela sociedade: o envolvimento amoroso com uma pessoa compromissada.

RUTH – Faça como bem entender. De qualquer maneira, a vida é sua...

HELÔ – Ainda bem que você reconhece que a vida é minha.

RUTH – Você acha mesmo que eu dou tanto palpite assim na sua vida?

HELÔ – *(Irônica.)* Não, imagina...

RUTH – Você sempre fez o que quis, ou não fez? Casou com quem quis, separou quando quis, namora com quem quer...

Neste discurso, a fala de Ruth mostra a sua opinião sobre a filha, num enunciado que tenta não demonstrar tanta preocupação assim. A mãe, de início, frisa que a filha tem atitudes incontroláveis, que sempre age como quer, mesmo em momentos importantes como o casamento e a separação. São pontos fortes de infração contra o que ela julga relevante.

4.2.2. Casamento no civil

O segundo ato transgressor seria o casamento no civil.

Ele surgiu no período da República (1890) com o decreto nº 181 do então chefe do Governo Provisório, Marechal

Deodoro da Fonseca permitindo assim que duas pessoas se unissem, em contrato, com o objetivo de constituir família.

Azevedo, Regina. Casamento civil no brasil completa 127 anos inovando atendendo aos anseios da população. Anoregto. 2017. Disponível em <[CASAMENTO CIVIL NO BRASIL COMPLETA 127 ANOS INOVANDO E ATENDENDO AOS ANSEIOS DA POPULAÇÃO - ANOREG/TO \(anoregto.com.br\)](http://CASAMENTO CIVIL NO BRASIL COMPLETA 127 ANOS INOVANDO E ATENDENDO AOS ANSEIOS DA POPULAÇÃO - ANOREG/TO (anoregto.com.br).)> acesso dia 23 de Dezembro de 2022.

O casamento religioso era visto como um acordo comercial entre duas famílias para a união dos filhos, mesmo contra a vontade destes. O casamento civil possibilita a união por contrato e tem a mesma validade social do casamento religioso.

Segue o diálogo:

HELÔ – Você guardou o vestido que usou no meu casamento?

RUTH – Não era um vestido. Era um *tailleur* e está pendurado no meu guarda-roupa.

HELÔ – Foi o mesmo que usou na missa de sétimo dia do papai, não foi?

RUTH – É um *tailleur* clássico, eu ainda uso bastante.

HELÔ – Preto. Você usou preto no meu casamento.

RUTH – Você não se casou na igreja, você fez questão de casar naquele cartório, e eu queria ser uma roupa a mais discreta possível...

O diálogo começa com a temática do vestido, e depois caminha com a simbologia do preto. O vestir preto num velório ou na missa de sétimo dia é apropriado, por se estar de luto pelo ente querido. Tem um sentido de respeito para com os familiares e com o falecido.

Porém, vestir preto num casamento é um sinal de desrespeito. Pode significar insatisfação pelo ato de união, principalmente se for pela parte da mãe, que é uma figura de destaque.

Ruth tenta negar que o uso do vestido deveu-se a ser elegante, uma peça clássica e discreta. Logo deixa escapar que foi intencional, sim, por a filha não ter se casado na igreja.

Outro ponto levantado é a escolha do noivo, pois Sérgio não era aceitável. Foi uma dupla decepção o casamento.

[...]

HELÔ – Confesse que o *tailleur* preto naquele caso específico tinha uma função simbólica.

RUTH – É bem possível que tivesse. Eu nunca escondi que não gostava do Sérgio. Eu e o seu pai sempre o achamos tolo e imaturo.

HELÔ – Por que ele dizia o que pensava?

RUTH – O que ele pensava era tão bobo que seria melhor que ele ficasse calado.

HELÔ – O Sérgio está rico.

RUTH – Espero que esteja mais sábio também.

HELÔ – [...]. Eu reconheço que foi uma péssima escolha...

RUTH – O que não impede você de continuar fazendo péssimas escolhas. Esse sujeito casado, por exemplo...

O fato do Sérgio não ser aprovado pelos pais de Helô deve-se a que ele costuma dizer o que pensa, ou seja, é uma pessoa tão imatura quanto a filha. Constitui outra infração de Helô para com a mãe. Helô e Sérgio são representações da sociedade moderna, que dispensam a aprovação da família e um casamento religioso. Isso incomodou muito a Ruth.

Ruth finaliza o diálogo ressaltando sua insatisfação e decepção com a filha, por suas escolhas nunca corresponderem ao que ela espera de Helô.

4.2.3. Namoros sem compromisso

A liberdade de Helô em levar vários namorados para dentro de casa desvela a falta de compromisso por relacionamentos sérios. É um ato aceitável para um homem, porém discriminado quando se trata de uma mulher.

Eis um pouco desse pensamento na ótica de Ruth:

RUTH – Você vem almoçar no domingo?

HELÔ – Não, eu vou viajar neste final de semana.

RUTH – Com quem?

HELÔ – Você não conhece.

RUTH – É alguém que você conheceu no casamento?

HELÔ – Eu acho que você está querendo saber demais.

RUTH – Quem quer que seja a pessoa, não leve pra dormir em sua casa.

HELÔ – O que é que você tem a ver com isso?

RUTH – A sua filha não gosta.

HELÔ – E o que é que a Priscila tem a ver com a minha vida?

RUTH – Ela é a sua filha, não é?

No início do diálogo, Ruth já tem em mente que a filha está se envolvendo com uma mulher, a quem conheceu no dia do casamento em que foi madrinha. Por isso ela pergunta, de forma objetiva, se é alguém que conheceu no casamento. Ela imagina existir tal envolvimento, mas não pode asseverar. Então conduz o diálogo para uma forma opressiva, utilizando a neta como uma forma de controlar Helô pela sua maternidade.

[...]

RUTH – Sua filha não é mais criança, ela fica com muita vergonha toda vez que você leva alguém pra dormir com você!

HELÔ – Será que eu tenho o direito de fazer o que eu quero na minha casa?

(Ruth olha para Helô. Vai dizer alguma coisa, mas se detém.)

HELÔ – Você acha que o Sérgio não transa com as namoradas dele quando a Priscila vai dormir na casa dele? Por que é que ela não comentou do pai com você? Por que é que ela não fica com vergonha das amiguinhas do pai? Por que é que essa menina tem sempre que complicar a minha vida?

RUTH – Ela não quer complicar a sua vida, ela só não quer ficar exposta a uma situação embaraçosa. Ela diz que alguns dos seus namorados passeiam nus pela sala...

[...]

RUTH – Você não ficaria constrangida se morasse comigo e eu trouxesse um homem sempre diferente para dormir comigo?

HELÔ – Mas não é um homem sempre diferente! Quem você pensa que eu sou? Uma prostituta?

RUTH – Para sua filha é um homem sempre diferente!

Este diálogo mostra como é o pensamento machista sobre a mulher na sociedade. Apesar de Helô estar em sua casa, em seus momentos íntimos, Ruth consegue constrangê-la constantemente.

Para Ruth é uma atitude de prostituta, o que ela assevera com palavras claras, visando pressionar a filha. Então ela enuncia que para Priscila é um homem diferente. O que incomoda é a liberdade de Helô com seu corpo.

Há outra temática importante enunciada, que é a diferença da mulher para um homem que tem uma vida sexual ativa. Porém, não existe uma resposta à pergunta que a Helô faz à mãe. Isso porque soa como uma conduta natural ao homem, mas não a uma mulher. Por isso Ruth volta ao assunto e pressiona Helô. Trata-se de uma relação do novo com o velho.

4.2.4. Relação homossexual feminina

Nos anos 60, com o movimento feminino, as mulheres começaram a ganhar voz e participação na sociedade, assegurando liberdade ao corpo. Mas a sexualidade ainda era algo imoral e ridículo, como se observa na fala de Ruth em relação à escolha da filha.

RUTH – (*Atônita.*) Você deu uma bofetada na sua filha?

HELÔ – Ela foi muito grosseira com a Leda!

RUTH – E você acha que podia manter um relacionamento desse tipo impunemente? Você leva essa mulher pra sua casa e acha que não vai pagar o preço, Helô?

HELÔ – Por que você é tão punitiva, mamãe? Impunemente! Você parou para pensar antes de dizer essa palavra?

RUTH – E você? Parou para pensar antes de espancar sua filha?

HELÔ – Eu não espanquei a minha filha!

RUTH – Você fez pior! Você desrespeitou a sua filha!

HELÔ – Ela também desrespeitou a Leda. Eu nunca dormi com a Leda na minha casa. Eu sempre tomei o maior cuidado, e a Leda se desdobra em gentilezas com a Priscila. Ela não merecia ser chamada de fanchona.

RUTH – Eu não sei o que significa essa palavra.

HELÔ – Sabe sim. Você também está jogando sujo, mamãe.

Aqui está o efeito que foi causado decorrente da outra conversa já analisada. Priscila tem uma grande ligação com a avó. Isso fica evidente pela palavra “fanchona” que a menina utilizou

como xingamento a Leda, como influência da avó. É uma palavra não tão atual, que significa *mulheres que têm modos associados aos dos homens*.

Esse comentário mostra o preconceito de uma época sobre a identidade lésbica; uma mulher atraída por outra se assemelharia ao bizarro.

Helô não levou Leda para intimidades em sua casa. Mas Ruth utilizou a neta como uma forma de opressão sobre ela, por mais que ela estivesse tentando fazer a coisa certa.

A palavra *impunemente* tem um grande peso, porque é mais uma vez um pensamento violento e preconceituoso socialmente. O que ela diz é que não existe uma aceitação e que sofrerá as consequências por ter um relacionamento diferente.

HELÔ – Você podia ter um papo com ela...

RUTH – (*Intrigada.*) Que tipo de papo?

HELÔ – Eu não sei o que está passando na cabeça da Priscila.

RUTH – Ela está com vergonha de você.

HELÔ – Se você conversasse com ela...

RUTH – Conversasse o quê, Helô? Você quer que ela compreenda uma situação que nem eu compreendo e aceito? (*Voltando-lhe as costas.*)

HELÔ – Você gosta de mim, mamãe?

(*Pausa.*)

HELÔ – Eu fiz uma pergunta, mamãe.

RUTH – É claro que eu gosto de você!

HELÔ – Se você me ama de verdade vai defender o meu direito de ser feliz.

RUTH – (*Voltando-se.*) Como é que você quer ser feliz com a sua filha contra você? Eu vou defender o seu direito de ser feliz pra quê? Pra você ficar numa situação marginal? Pra você ser apontada, ser motivo de chacota, de ridículo, ser chamada de fanchona, de sapatão?

HELÔ – (*Calma.*) Você vai falar com a Priscila, mamãe?

RUTH – Eu sou uma pessoa religiosa! Eu não posso aceitar esse tipo de coisa, é mais forte que eu, é...

As palavras que Ruth utiliza para com a filha são uma indução psicológica sobre o seu comportamento. O que ela está tentando fazer é aprisionar a filha aos pensamentos dela.

Ela lança mão de Priscila para reprimir Helô, utilizando palavras e frase como: “vergonha de você”; “uma situação que nem eu compreendo e aceito” ; “situação marginal”; “motivo de chacota”; “ridículo” ;“eu sou uma pessoa religiosa”, tudo para induzi-la a enquadrar-se no seu pensamento vida.

Durkheim considera como *fator coercitivo* a força de coerção que faz o indivíduo agir de uma forma e não de outra; se você não agir da forma esperada, sofrerá consequências por isso. Neste diálogo, as falas da Ruth são posicionadas nesse sentido.

Mais uma vez, vemos a preocupação com a imagem social, a colocar a religião como um meio para tachar a homossexualidade como algo imoral e pecaminoso, o que nos anos 60 era um pensamento coletivo social.

Existe uma preocupação com a imagem da filha; ela não quer que Helô seja discriminada. Daí desaprovar a atitude da filha.

Ruth não foi ensinada pela sua família a buscar a felicidade, mas sim uma conduta social desejável. Viver de aparências, mesmo que fosse infeliz. Quando a filha cobra o direito de ser feliz, a mãe não se comove; só reprime.

Ela utiliza um jogo psicológico: “ou é Leda ou é Priscila”. Mas quando ela percebe a infelicidade da filha e o quanto esta fica abatida, Ruth se posiciona como mãe e deixa Leda ir até sua casa, para um jantar. Porém, o jantar não chega a acontecer.

Não é que a Ruth seja ruim, e sim que ela compactua com um pensamento social sobre a mulher moderna. Apesar de não concordar com as atitudes de Helô, ela constata a tristeza na filha e por isso cede um pouco.

4.2.5. A transgressão do passado

Há o ato que permeia as discursões e os comportamentos das personagens, que é desvendado no momento do clímax. Foi a descoberta da atração que a filha tinha pelo mesmo sexo, o que ocasiona o afastamento da Ruth.

HELÔ – Imoral seria eu reprimir o que sinto, como você me obrigou a fazer aquela vez

RUTH – E o que é que você faria se abrisse a porta do quarto da Priscila e a surpreendesse beijando uma amiguinha?

HELÔ – Você nunca beijou uma amiguinha quando era adolescente, mamãe?

RUTH – Beijava meus primos, beijava rapazes. Eu sempre fui uma pessoa normal.

HELÔ – Por que te provoca tanto horror a ideia de uma relação homossexual?

RUTH – Você não é homossexual! Teve uma porção de namorados, foi para cama com eles, teve uma filha!

HELÔ – Você está se defendendo de quem, mamãe?

(*Pausa.*)

RUTH – Você não é homossexual. Pode estar momentaneamente atraída por uma mulher, mas não é homossexual.

HELÔ – E se for? Você não vai mais falar comigo, vai fechara porta da sua casa pra mim?

No pensamento de Ruth, não é habitual um relacionamento homossexual, muito menos com mulheres. Ela busca mostrar para si mesma que Helô não é homossexual. Nos seus argumentos, Helô tem um comportamento que, segundo ela, mantém princípios heterossexuais. O que a incomoda e desnorteia é a sutileza da filha.

RUTH – Escute aqui...

HELÔ – (*Cortando.*) Escute você. É daquela doença que você tem medo? É a opinião dos outros que te incomoda?

RUTH – Não é natural! É uma perversão, Helô.

HELÔ – E o que é natural, mamãe? Eu sair com um cara, ir pra cama com ele e me foder mais uma vez como sempre tenho me fodido?

RUTH – Você não teve sorte, você escolheu mal, você...

As falas de ambas consistem em discursos largamente encontrados nos ambientes sociais.

Ruth cresceu em um ambiente onde prezavam pela aparência familiar; há uma preocupação em não manchar o nome da família. O casamento era controlado pela família. Vimos que o nome para a sua avó era um crédito na sociedade.

Foi pela preservação da família que Ruth passou por cima do amor da filha e a trancou em casa por um ano. Ela tem medo do que os outros pensam, e isso a incomoda sim.

Na última fala, a personagem replica um pensamento social preconceituoso sobre a mulher homossexual. Ela diz que Helô escolheu mal os homens, que ela não teve sorte. Que estar com

uma mulher é só um momento de atração. Não é real. Essa fala pode significar que o real motivo para essa anomia na vida de Helô é não haver encontrado um homem que a tenha feito mulher.

Para deixar mais evidente esse pensamento, vejamos o diálogo de ambas as personagens, no momento em que esperam Leda para jantar na casa de Ruth:

RUTH – posso fazer alguma coisa por você?

HELÔ – Se você pudesse fazer alguma coisa por mim, mamãe... se você fosse uma fada- madrinha, o que é que você me daria de presente?

RUTH – Um homem bom, um homem de verdade...

HELÔ – Você pode arrumar esse homem para mim, mamãe? Um cara que goste de mim, que não me magoe, que me trate como o papai tratava você?

[...]

HELÔ – Eu estava gostando muito da Leda, mamãe. Eu era muito feliz até semana passada. Eu tinha alguém para amar, e a gente se divertia muito.

(Ruth olha para Helô desolada)

HELÔ – Quem você sonha pra mim, mamãe? Um cara loiro, alto...

RUTH – *(Cortando.)* Um homem que te respeite e a quem você respeite. Um homem que compreenda os teus problemas, que não minta pra você, um homem que você admire, de quem você se orgulhe, um homem que a sua filha respeite.

Ruth considera que a filha não encontrou um homem que fosse capaz de cuidar de uma família e ajudá-la. Isso Sérgio não foi. Segundo Ruth, a filha tem uma vida inconstante e para não ficar sozinha, acaba por envolver-se com todas as pessoas que podem lhe dar amor e conforto por algum tempo.

Quando Helô explicita o quanto estava sendo feliz com Leda, Ruth mostra-se desolada. Helô muda de assunto, para que a mãe se sinta bem, e pergunta qual o tipo de homem que ela gostaria que ela arranjasse. Começa então a descrever um homem padronizado como beleza social.

Para Ruth não existe amor, apenas boas relações para manter a imagem familiar. Ela deseja para a filha um homem responsável e que cuide dela.

4.3. Influência da família e do capitalismo sobre o comportamento social

Com base nos conceitos da pesquisa, analisamos primeiramente a formação do pensamento da personagem. Entendemos que o pensamento é composto de um sistema antropológico das palavras que chegam ao sujeito através dos diálogos. A ciência da comunicação é uma organização de significados e valores que fazem sentido para um comportamento social bem como para os discursos.

Identificamos através das informações dadas na peça a influência de valores éticos que Ruth recebeu em sua formação familiar, assim como compreender as décadas de 30, 40 e 50 como um fator determinante de um comportamento.

No texto abaixo, no exato momento descrito, Helô se debruça sobre um baú com artefatos antigos, pertencentes a sua avó, à procura de um chapéu para usar num casamento em que será madrinha. É um momento em que Ruth relembra as histórias do passado de sua mãe, em estado de nostalgia:

RUTH – (Animada) Ela não gostava do que a Segunda Guerra tinha feito com o mundo. Achava que o tempo devia ter parado em 1938 quando já havia rádio, automóvel, geladeira e banheiros funcionais. Tudo o que se inventou depois, segundo ela, era estúpido, inclusive televisão e supermercado. Ela sempre se recusou a ter televisão e só comprava onde era conhecida e chamada pelo nome.

HELÔ – (Retirando o chapéu, desaminada.) Eu detestava a vovó.

RUTH – (sorrindo) Eu tinha uma grande admiração pela minha mãe, apesar dos maus bofes. (...)

Quando a personagem fala sobre a mãe, ela mostra a opinião daquela senhora sobre uma sociedade que estava a passar por mudanças econômicas em meio a um avanço global. Quando ela enuncia que a sociedade deveria ter parado em 1938, temos um discurso ideológico oficial, que segundo Bakhtin é uma concepção única de produção de mundo e segue um pensamento de Émile Durkheim, no qual ele defende uma formação única social e que uma estrutura capitalista para ele resultaria numa anomia, ou seja, no caos.

A mulher descrita é de uma opinião imutável, conservadora; não aceita mudanças, rejeita todo tipo de modernidade e tudo o que ocorreu depois da Segunda Guerra Mundial. Vamos tentar entender o que ocorria no Brasil nesse tempo.

O país vive sob um regime de ditadura. Nos anos 40, com o início da Segunda Guerra Mundial, deu-se um maciço investimento dos Estados Unidos em nosso país. Em 1942, o Brasil estreita relações com os Estados Unidos e caminha para a industrialização, deixando de ser uma nação predominantemente agrícola; há também a criação das leis trabalhistas.

Até os anos 50, o governo de Getúlio Vargas impulsiona o país a um avanço industrial; a televisão foi um ponto forte deste momento de avanço.

Este pequeno discurso analisado revela o pensamento de uma sociedade tradicional que visualizava o novo como uma quebra de controle em massa (um pensamento dominante, da elite). A modernidade se expunha em avanços científicos, tecnológicos, religiosos, sociais etc. As pessoas não precisavam nascer ricas para que tivessem uma boa vida, pois poderiam qualificar-se mediante a inclusão no mercado social. O nome da família já não era fonte de prestígio.

Quando ela diz que só comprava onde era chamada e reconhecida pelo nome, revela o caráter e o poder que a família tinha na sociedade. Ruth pertence a uma família burguesa. Encontramos o seu núcleo social, o nascedouro, e isto nos revela muito sobre suas condutas e comportamentos.

Com base na nossa fonte teórica, palavras, dialogismo e ideologia vão revelar um pensamento ético que ela absorveu na sua vida pregressa. Podemos identificar isso nos discursos dialógicos.

Ruth diz que admirava sua mãe, apesar do gênio forte desta. A palavra *admirar* revela respeito, consideração, veneração. Ela diz que sua mãe tinha um comportamento um tanto genioso, mas existe nela (Ruth) respeito pelo seu comportamento, e que ela traz consigo como referência.

Enquanto Helô tem um pensamento moderno, que se distancia da sua avó: a palavra “detestava” bem revela isso. Significa que a avó para ela era desagradável. As opiniões de ambas divergiam. São tempos distantes, com mentalidades distintas.

Neste próximo diálogo, Helô revela sua opinião sobre a família de sua mãe:

HELÔ – (*Retirando o chapéu*) Vovó era uma pentelha. Vivia implicando comigo. Ela e todo mundo da sua família. Eu tinha horror dela e do tio Sílvio e toda aquela velharada metida a besta. Eu gostava muito mais da família do papai, que era despreziosa e gostava de mim.

RUTH – Por que você imagina que a sua avó não gostava de você?

HELÔ – As pessoas da sua família não gostam de ninguém!

Helô ressaltava a sua preferência pela família do pai, devido à simplicidade e por não existirem cobranças. Ela diz que a avó era uma “pentelha” e enuncia que tinha horror a toda “velharada metida a besta”. Esta é uma expressão muito utilizada para repudiar aquele que tem atitudes superiores aos demais, devido à sua situação econômica.

As palavras e orações que foram analisadas nos discursos das personagens mostram valores de sociedade explicitados por seus pontos de vista, em relação a seus próprios valores. O que se quer dizer é que ambas as personagens expõem opiniões sobre a mesma pessoa e sobre sociedade com que ela (avó) compactuava.

Entendamos sociedade como grupos de pessoas que têm espaço de fala em um tempo. São vozes sociais. A atitude da avó retrata a sociedade brasileira dos anos 30. A fala dela era partilhada por muitas pessoas que viveram nessa época, assim como seus pensamentos.

Já Helô é uma personagem moderna, com o pensamento de uma sociedade que caminha para um novo século, tentando desvincular-se de uma concepção de vida opressiva e preconceituosa. Ruth está no meio destes dois tempos: ela ressaltava o antigo com admiração, mas se mostra sedenta dos novos tempos, em alguns quesitos.

Ruth tende a pensar e a enxergar-se na sociedade como sua mãe lhe ensinou. Ela não foge do seu tempo: a era do capitalismo. Enquanto a mãe recusava uma televisão, Ruth tem uma TV na sua sala:

Cenário

Living-room de um apartamento confortável da década de 50. Elementos podem ser mais sugeridos do que realisticamente representados. Alguns adereços indispensáveis: vestidos, chapéus, acessórios cobrindo as décadas de 30, 40 e 50. Um *tutu* e sapatilhas (*surradas*). Uma poltrona, um sofá, uma televisão (*atual*), um aparelho de som (*que não precise ser tão atual, mas definitivamente não deve ser uma velharia*), fotos antigas e tudo mais que a imaginação do diretor e do cenógrafo quiserem e a peça suscitar. Um espelho grande. Discos, muitos discos antigos.

Maria Adelaide deixa visível na sua sugestão de cenário a necessidade de uma televisão. Coloca-a em parênteses para ressaltar sua importância. A sala em que se passam os acontecimentos da peça é um ambiente que se caracteriza como da década de 50.

A TV chegou ao Brasil nos anos 50. O primeiro canal televisivo da América Latina foi a TV Tupi. A televisão foi um meio de propaganda e consumo úteis ao capitalismo. Em 1957 divulgam-se os eletrodomésticos, que facilitam a vida das donas de casa.

Eis uma cena em que a TV é utilizada:

(Ruth fica tentada a continuar a discussão, mas decide parar para se preservar. Ela olha longamente para Helô num misto de pena e de magoa e liga a TV acionando o controle remoto)

RUTH – espero que você não se incomode de eu ligar a televisão.

HELÔ – Por que iria me incomodar? Você está na sua casa.

(Ruth senta-se e coloca seus óculos. Assiste a uma novela com interesse por cerca de um minuto.)

HELÔ – Eu não quero envelhecer diante de um aparelho de televisão.

(Ruth aciona o controle remoto e desliga a TV.)

RUTH – *(Tirando os óculos.)* Há coisas bem piores que envelhecer diante de um aparelho de televisão e você, como médica, devia saber disso. *(Levantando-se.)* Mas se essa possibilidade lhe inspira tanto horror, você devia começar a ser mais gentil com as pessoas, pois caso contrário não vai lhe restar alternativa senão a de envelhecer sozinha diante de um aparelho de televisão.

Helô e Ruth estavam discutindo anteriormente, e o modo que Ruth encontrou para romper essa discussão e não se afligir mais foi ligar a TV e ignorar o que estava sendo dito. Esse aparelho eletrônico é sinônimo de entretenimento e passatempo.

Este diálogo também revela que o aparelho é muito presente na vida de Ruth. O discurso expressa a opinião de Helô sobre a TV: ela assegura que não quer envelhecer diante de uma televisão.

4.4. Um padrão feminino e as obrigações sociais da mulher

A peça aborda muitas questões femininas, como a necessidade de se padronizar, de cumprir suas obrigações sociais como mulher. E como ser mulher?

É um tema muito citado a cada diálogo presente na peça. Muitos das falas de Ruth sobre a filha são discursos já prontos que ela absorveu do dia a dia.

O dialogismo consiste nas relações de sentido que se estabelecem entre enunciados, ideias gerais, pontos de vistas, apreciações dos outros, que fazem parte dos pensamentos e são reproduzidos em discursos próprios e nos de outros.

O conceito do *eu e o outro* foi um assunto teórico estudado anteriormente. A posição de fala é algo que deve ser levado em consideração para a análise da imagem de ser mulher em sociedade. Discutem-se por duas gerações os discursos de falas divergentes.

O que torna o discurso uma voz de luta social é a relação íntima do sujeito com os conceitos que ele adquiriu durante sua vida. Pois dentro de cada cabeça existe uma consciência participante do mundo, que pensa, sente e se exprime por palavras e ações. Que consegue observar e compreender o que o outro pode vir a sentir a partir de uma relação volitivo-emocional. O sujeito consegue apreender as expressões do outro e identificar os possíveis significados.

Quando as pessoas não concordam sobre um tema, elas tendem a caminhar para um conflito ou discursam até que uma ceda. A cada cena da peça, o mesmo tema se repete sobre um conflito diferente. São duas mulheres que discutem entre si como é ser mulher na sociedade.

A ideia do patriarcado ainda persiste em uma nova ideia lançada pelo capitalismo, que oferece à mulher o controle do lar e da família como um papel social. Isso lhe dá o direito de pensar como contribuinte social ou sobre seus próprios direitos; porém, ela ainda está isolada dentro de casa. É um pensamento falso, a julgar que a contribuição feminina na sociedade se resume em ser mãe e esposa. Esta mentalidade falsa social sobre a mulher e seus direitos sociais está dentro de um círculo vicioso que se transmite de geração em geração.

Vejamos os discursos de Ruth sobre a sua contribuição social:

[...]

RUTH – E afinal, a continuidade da vida neste planeta depende de pessoas sem importância como eu e você. Se alguém vier cobrar a minha participação nesta existência,

eu posso responder: “Tive duas filhas que tiveram três filhos...”. Pode não ter sido uma contribuição expressiva, mas não se pode dizer que não cumpri com minha parte...

Eis outro discurso em que ela compartilha com a filha as satisfações em ser dona do lar e porque não quis ter uma profissão como a sua irmã:

RUTH – Em alguns momentos eu fui muito feliz, muito feliz... no geral, eu gostava da minha vida... eu sempre procurei extrair alegria das menores coisas... ir à feira, pensar no cardápio dos dias de festa, arrumar armários, do perfume dos lençóis engomados... gostava das reuniões de família, da conversa das mulheres que trocavam receitas e confidências, das crianças que nasciam e cresciam e nos mantinham ocupadas... (*sorri, nostálgica.*)

HELÔ – Você nunca teve vontade de ter uma carreira, de trabalhar fora, como a tia Glória?

RUTH – Eu não iria fazer nada que não tivesse vontade só porque estava na moda, só porque havia uma pressão da família e dos amigos no sentido de que eu fizesse alguma coisa. Eu gosto de ser dona de casa, sempre gostei.

Em ambos os discursos a personagem declara uma ideologia. Segundo Volóchinov. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2021. “A ideologia é um processo que gera uma consciência individual conforme os padrões sociais de classe”. É uma linguagem tirada do social. A fala de Ruth é dita de um ponto de vista adotado por muitas mulheres da classe média que acreditam que as futuras gerações devam adotar o mesmo comportamento e a mesma ética.

Esse mesmo ponto ideológico sobre o comportamento feminino também é reprisado nas classes inferiores. A teoria de Marx explica a ideologia através do poder de conhecimento: aqueles que dominam os saberes criam as ideologias, e os que não dominam apenas o replicam. Pode-se dizer que a fala da personagem Ruth é um reflexo social.

Com os avanços do capital e a necessidade de qualificação, as mulheres ganham o direito ao trabalho, aos estudos e a uma vocação. Mas elas ainda precisam cumprir com os afazeres do lar e da prole. Não existe uma separação, e sim uma junção de obrigações. Este é o modelo da figura feminina nos dias atuais.

É possível constatar nos enunciados de Helô a insatisfação com esse padrão para a mulher. Ela sempre o questiona e tenta escapar dele. Já as cobranças da mãe tentam enquadrá-la e subjugar-la.

No diálogo seguinte, Helô expõe o padrão feminino que é aceitável aos olhos dos homens:

HELÔ – Sabe que eu não duvido que você se case de novo? Verdade. Os homens adoram mulheres como você.

RUTH – Mulheres burras?

HELÔ – Mulheres femininas, mulheres que não questionam, que não competem, que não os ameaçam, mulheres que se comprazem com as alegrias do lar e da prole.

RUTH – Você não é feminina?

HELÔ – Feminina é você, a Beth, a Cecília...

RUTH – Sua irmã não é do tipo que se compraz com as alegrias do lar e da prole. Ela tem uma carreira.

HELÔ – Mas coloca o fato de ser mulher em primeiro lugar. Sempre colocou. A Beth perde um tempo enorme se penteando e se pintando, antes de sair de casa pra qualquer lugar. Ela sempre gostou de se enfeitar, de usar salto alto, ela adora se empetecar, ela sempre fez o gênero perua.

[...]

RUTH – Pois eu acho que um brilho de vez em quando iria muito bem em você.

HELÔ – Eu sei que você odeia o meu jeito de vestir.

RUTH – Não é do seu jeito de vestir que eu critico. São as suas roupas amassadas, é o seu cabelo maltratado, é a falta de cuidado com você.

HELÔ – Eu não consigo me arrumar quando estou com vontade de morrer.

Helô caracteriza a feminilidade e não se inclui neste meio. As mulheres que ela considera como femininas são pessoas que se comportam como a mãe. Que não competem com os homens por direitos sociais, apenas vivem numa ideia de patriarcado imposta pelo capital. Beth, irmã de Helô, é um modelo de como seria a mulher perfeita para a sociedade atual. Ela é feminina, tem uma carreira, filhos e marido; tudo o que Helô não conseguiu ser/ter.

O tema visível no diálogo é o estético feminino.

No livro *O estético da criação verbal* Bakhtin .2011. anota: “o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro [...], que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externa acabada; tal personalidade não existe se o outro não a criar”.

Essa imagem de Helô é descrita no diálogo, apontada pela mãe como desleixo. Trata-se de um confronto bem estabilizado que Maria Adelaide utiliza para questionar a feminilidade. A mulher já nasce sendo feminina ou ela é transformada em feminina? O que é esta estética que padroniza o ser como aceitável ou não?

Por viver numa sociedade que qualifica e impõe o padrão estético, existiria um *certo*, que não desperta estranheza no olhar do outro e atende aos requisitos. Porém, existiria um *errado*, os que pensam e se vestem diferentemente, como Helô. Toda essa visão de certo e errado é ditada pelas éticas morais e sociais, que na peça se fazem presentes no comportamento de mãe e filha.

A personagem não admite que lhe ponham rótulos; ela quer que a aceitem como ela é. Mas deixa claro também que a infelicidade é a causadora do seu desleixo. Não existe para ela o desejo de se arrumar porque não existe um alguém que ela queira que a aprecie. Quando ela conhece Leda, seu comportamento muda; ela então se sente amada.

RUTH – (*Examinando a filha.*) Você está muito bonita

HELÔ – Cheguei há quinze minutos e só agora você repara em mim, mamãe?

RUTH – Você está muito bem. Muito bem...

HELÔ – O amor deixa as pessoas bonitas.

A felicidade de Helô fez seu comportamento mudar a forma como se mostra para o outro. Ela passa a ser apreciada pela sua mãe, uma pessoa que sempre a questionava por seus desleixos. A mulher está sempre sendo aprisionada e conduzida pela visão masculina. Em alguns momentos da peça, Helô é repreendida por Ruth para manter as aparências.

Outro ponto de controle é quando Ruth utiliza Priscila como um meio para aprisionar a filha. Ela deixa de lado as falas preconceituosas e começa a pressioná-la com discursos morais sobre o exemplo materno.

RUTH – (*Horrorizada.*) Mas uma mulher, Helô!? Uma mulher?

HELÔ- É um ser humano, mamãe! Que é que tem de tão repugnante que seja uma mulher?

RUTH – E a Priscila?

HELÔ – Que é que tem a Priscila?

RUTH – Na hora que ela descobrir, Helô! Você não tem medo do que ela possa fazer?

[...]

RUTH – Que você tenha a sua vida sexual, eu não posso concordar, mas o problema é seu. Mas não exponha a sua filha, não seja irresponsável.

HELÔ – Já chega, mamãe.

Priscila neste diálogo é utilizada como uma repressão social sobre a mulher: o fato de ser mãe. Este é o tema discutido aqui. A responsabilidade e uma imagem de comportamento que uma mãe carrega na sociedade.

Quando Helô questiona Ruth sobre o que há de errado no seu relacionamento, ela responde com outra pergunta. Questiona a filha sobre sua obrigação social.

A mulher desde os primórdios é vista como a geradora de descendentes e herdeiros. Antes de ser dona de casa, era uma mera posse do pai ou do marido; nada tinha a dizer, muito menos a reclamar.

Existe um peso, uma exclusão na mulher infértil. Se ela não deu filhos, em nada contribuiu socialmente. Se uma mulher se nega a ter filhos ou mostra ser homossexual, ela está reivindicando direitos ao próprio corpo. Este ato nega o patriarcado vigente na sociedade.

Há um discurso presente no ato de não ser mãe, de ser *independente*. Uma freira ou alguém que faz votos de celibato por sua religião não é visto da mesma maneira, porque a visão do corpo exige um dono, que é Deus. Não há, portanto, uma transgressão. Mas uma mulher que se nega a ter uma família ou um casamento heterossexual é malvista por ser uma transgressora moral e tomar para si a posse do seu corpo.

Como Helô é mãe, um posicionamento social e heterossexual é cobrado dela, pois ela tem uma obrigação moral a ser cumprida. Está é a visão de mundo da personagem Ruth.

Significa que o comportamento da personagem também reflete sobre a forma como irão olhar para Priscila. O que preocupa Ruth é como a sociedade visualiza sua família. Ela argumenta que não se importa mais com a filha; com o que Helô faz ela não concorda e não pode mudar, porém, no que diz respeito à imagem da sua neta, ela tem o direito de opinar. Ruth utiliza a palavra “irresponsável” para dizer que a conduta de Helô atinge outras pessoas.

Ainda falando de obrigações femininas, vejamos também o provimento sexual ao marido. Em um dos seus diálogos Ruth diz que passou anos sem ter vontade de fazer sexo com o marido e que muitas vezes fazia por uma obrigação.

HELÔ – [...] O que é que tem você dizer que gostava de transar com o papai ou não?

RUTH – Às vezes gostava. Às vezes passava meses sem a mínima vontade.

HELÔ – Meses?

RUTH - Eu passei anos sem vontade de dormir com o seu pai.

HELÔ – E ele?

RUTH – Você conhece algum homem que entenda que uma mulher não tenha vontade de fazer amor quando ele está com vontade de fazer amor?

HELÔ – Coitado do papai.

RUTH – Uma vez eu sugeri que ele procurasse outras mulheres (*sorrir.*) Ele ficou tão magoado! (*Pausa.*) Mas eu só queria ser dispensada da obrigação de...

HELÔ – (*Cortando.*) Por que você diz “obrigação”?

RUTH – Porque, na maior parte das vezes, eu não tinha nenhum prazer.

Nas falas da Ruth ela revela a obrigação conjugal, onde ela não tinha vontade de fazer sexo mas diz que mesmo assim fazia, porque o marido não entende o lado dela apenas o dele. E que a Ruth tinha aquilo como uma obrigação e que muitas vezes não sentia prazer.

Este discurso faz pensar nos casamentos dos tempos passados, onde eram anulados caso não existisse de ambas as partes um cumprimento da relação sexual conjugal. E esta visão ainda permeia na contemporaneidade.

O discurso da Ruth também revela essa pose do marido sobre o corpo da mulher para satisfação.

Analisamos nos diálogos das personagens a ótica social sobre o feminino; os preconceitos sobre a aparência e como uma mulher deve portar-se perante os demais; a propaganda enganosa da liberdade como dona do lar; o comportamento de ser mãe e a necessidade de manter a aparência social, assim também a mulher como provimento sexual ao marido. E os valores que Ruth defende são os de uma ótica machista e opressora para a mulher.

Conclui-se que ambas as personagens utilizaram palavras e entonações que contribuíram para visualizar ideologias e pensamentos. Estes expressaram valores sociais segundo seus pontos de vista através dos diálogos. Isso reflete os temas femininos.

Conclusão

Na conclusão da pesquisa, após as análises efetuadas, observa-se que a personagem Ruth é uma composição de palavras e significações do real que ganharam voz nos diálogos presentes na peça e que constituem uma visão da sociedade contemporânea. A personagem é um ser irreal, mas com a ajuda das palavras, ganha um sentido e transforma-se em verossímil.

Bakhtin se dedicou a analisar o romance, o que aqui foi feito com o drama. Mediante a filosofia desse teórico, foi possível entender todo o processo de pensamento humano, que surgiu da necessidade de organização e é consequência do real. A linguagem é resultado de uma assimilação de palavras, ideologias, que fazem parte da nossa vida. Ao analisar Ruth, pôde-se perceber através dos enunciados dela e da sua filha como teria se dado a sua relação familiar e o que Ruth aprender com elas.

Percebe-se que Ruth é uma consequência da sociedade anterior à dela (anos 30 e 40), a que se teve acesso por meio de suas lembranças e pela admiração pela figura materna. Porém, também é resultado de um pensamento atual, a sociedade em que cresceu nos anos 50 e, no caso da neta, no final dos anos 90. Em seus enunciados ela revela muito preconceito e exalta a ética em que foi criada. Mostra-se fiel aos seus valores e desconsidera as ações da filha.

A dramaturgia diz muito sobre a figura feminina quanto ao comportamento e à estética. Isso diz muito sobre um valor social. O pensamento e o comportamento de Helô são transgressivos aos valores que Ruth aprecia. A personagem jovem representa a futura geração e é uma preocupação para a sociedade tradicionalista. A ideia que a Ruth tem sobre a conduta feminina restringe-se ao ambiente doméstico, enquanto Helô atinge outros patamares e desafia e compete com os homens. Ela é a representação da mulher moderna.

A questão não está em Helô ser homossexual, mas sim no controle que exerce sobre o seu corpo e pensamento. Quando ela se abstém de uma identidade rotulada ao machismo estruturado, em que a mulher não pode trabalhar, tem de cuidar da família e satisfazer o marido, ela sofre severas consequências.

Tudo isso é ocasionado pelo pensamento da Ruth, que diverge de Helô. Não existe semelhança em seu comportamento. O agir está muito ligado a como pensam sobre o mundo. Ambas, no decorrer da peça, advogam razões sociais femininas que não convergem.

Em ato e discurso explicita-se que a experiência do mundo humano está sempre moldada pelo agir, situado e avaliado conforme o sujeito.

Como Helô sofreu um efeito negativo ocorrido na adolescência, ela começou a repelir toda semelhança que pudesse ter com a mãe, porém inconscientemente ela desenvolveu uma dependência para ser aceita. O seu comportamento e as escolhas estavam presos ao pensamento da mãe. Ela cumpriu as obrigações sociais que lhe foram ordenadas como mulher, mas do jeito dela. Isso fez surgir mais atritos entre as personagens.

Ruth é consciente de que a vida dela é um jogo social e de que a ela foi ensinado pela família e que ela cumpriu com as regras e o mantém. Todos os seus conhecimentos foram adquiridos por sua formação na infância e na adolescência. O casamento foi algo imposto a ela; até recebeu aula de como ser uma boa esposa. Ela foi induzida a uma ideologia que influenciou o seu comportamento, e assim ela quer que ocorra com sua filha.

Porém a sociedade em que Ruth cresceu não é a de que Helô faz parte. Enquanto a mãe defende o tradicionalismo, a modernidade bate na porta com os direitos femininos. Helô é o resultado desses dois mundos.

Ruth é uma personagem que traz consigo, nos seus diálogos, palavras da sociedade tradicionalista e preconceitos estruturados na sociedade que se mantém até os dias atuais. Por mais que a modernidade esteja se alastrando e os direitos das mulheres ganhem vida, o machismo estruturado ainda é imperante. Vozes com a da Ruth ainda permeiam a sociedade, como é o caso da briga eleitoral brasileira, promovida por um partido de extrema direita.

Assim conclui-se que sobre conceitos de Bakhtin e seu círculo, através dos estudo da linguagem, é possível analisar o pensamento e o comportamento que reflete a sociedade contemporânea por meio dos diálogos das duas personagens na peça *Querida Mamãe*, obra de Maria Adelaide Amaral.

A personagem Ruth é um reflexo da sociedade contemporânea brasileira, moralista e conservadora. Todas as falas de preconceito e opressão dirigidas à filha concernem ao real que foi absorvido e retratado pela escritora.

Referências

- Amaral, Maria Adelaide. **Melhor Teatro Maria Adelaide Amaral**. 2. ed. São Paulo. Editora Global.
- Adorno, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**; traduzido por Felipe Catalani. – São Paulo: editora Unesp, 2020.
- Aristóteles. **Arte Poética**. Edited by PDF editor Copyright © by Corporation, 2003-2010 for evaluation only.
- Brait, Beth. **Bakhtin: conceitos-chaves**. Beht Brait, (org.). – 5. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- Brait, Beth. **A personagem**. – 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2017.
- Bakhtin, Mikhail M. **Estética da criação verbal**; prefácio da edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- Coutinho, Afrânio. **Notas de Teoria literária**. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- Löwy, Michael. **Ideologia e ciências sociais: elementos para uma análise marxista**. 12. ed. SP: Cortez, 1998.
- L. Ron Hubbard Library. 2001, 2009. **Scientology, Dianética**. Todos os direitos reservados, impresso nos Estados Unidos.
- Motta, Leda Tenório da. **Proust: a violência sutil do riso**. – São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2007.
- Volóchinov, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossários de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: editora 34, 2021, 3. ed.
- Vogler, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**; tradução de Ana Maria Machado. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- Wellek. René. Warren. Austin. **Teoria da Literatura**. Traduzido por José Palla e Carmo. 2. ed. Europa-América. Junho de 1971.
- Fiorin, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo. Ática, 2006.
- Década de 1950: tudo que aconteceu nos anos dourados**. You Tube. 2021. Disponível em: <(11) [DÉCADA DE 1950: tudo que aconteceu nos ANOS DOURADOS – YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=O29LHXddjDE) <https://www.youtube.com/watch?v=O29LHXddjDE> > Acesso em: 16/9/2022 às 14h06.
- Getúlio Vargas, assassino, vítima ou suicida? Segundo governo 1951 a 1954**. YouTube. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rFEyUISKjNs> > Acesso em: 19/4/2022 16h30.

Sai Getúlio Vargas e entra Eurico Gaspar Dutra | Constituição de 1946, Liberalismo e Plano SALTE. You Tube.2018. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=4mXricgLYXM>> Acesso em: 19/4/2022 16h30.

Getúlio Vargas (Era Vargas) | Revolução 1930 e Revolução de 1932 | Estado Novo. You tube. 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=gW-v6EjrZQs>> Acesso em: 19/4/2022 16h31.

Émile Durkheim I Resumo. You Tube. 2022. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=Ob6w7yImQbY>> Acesso em: 19/4/2022 18h36.

Economia no Brasil Imperial - Primeira Parte. Blog descomplica. 2012. Disponível em: <<https://descomplica.com.br/blog/materiais-de-estudo/historia/economia-no-brasil-imperial-primeira-parte/?msclkid=813bafec1b511ec96b085d9b61af3cf>> Acesso em: 21/4/2022 18h22.

Araujo Felipe. **Mikhail Bakhtin.** Info escolar. Disponível em:

<<https://www.infoescola.com/biografias/mikhail-bakhtin/>> Acesso em: 26/5/2022 8h48.

Maria Adelaide Amaral. Memorial Globo. 2021. Disponível em: <[Maria Adelaide Amaral | Maria Adelaide Amaral | memoriaglobo](#)> Acesso em: 26/07/2022 15h45